

# BEM VINDOS/AS!

Sejam bem vindos/as! Parece que mais pessoas estão utilizando nosso website e por isso gostaria de oferecer algumas palavras de boas vindas e uma breve introdução de como atuamos.

## NOSSA LINHAGEM

Nossa linhagem surge para nós através do meu guru C. R. Lama também conhecido como Chimed Rigdzin Rinpoche. Ele foi um refugiado, como todos os grandes professores tibetanos que fugiram para a Índia para escapar do levante colonial que intoxicou os chineses sob Mao Zedong. Não é fácil ser um refugiado. Eles precisaram sobreviver com poucos recursos em clima difícil, aprender novas línguas e modos de comportamento e manterem-se com uma boa relação com seus anfitriões.

Ser um refugiado significa viver na face crua da impermanência, perder a terra, os bens, os livros, os objetos rituais, etc. É se ver separado de amigos e família e estar à mercê da boa vontade dos outros. Isso é a encarnação viva do ensinamento do Dharma trazido na experiência diária. Apego é sofrimento. C.R. Lama perdeu seu país de origem e não pode mais ver o seu guru, Tulku Tsorlo. Ainda que, na minha longa experiência com ele, não o vi triste ou com remorsos. Ele estava presente com a sua completa lucidez e isso não se perdeu nem foi arrancado dele.

Esse é o ensinamento para o nosso tempo, em que a guerra e a mudança climática fazem com que milhares se tornem refugiados. Ao tentarmos segurar as experiências externas percebemos verdadeiramente nossa impotência para controlar os eventos. Ao constatarmos as diferentes reviravoltas das políticas egóicas, damos-nos conta de que nenhum de nós pode se assegurar de como serão nossos futuros. Muitos daqueles que foram nossas mães estão vagando sem abrigo, permanecendo em tendas simples, sem apoio. Nós mesmos podemos perceber um pouco de como solitário e desolador isso pode ser.

O que irá ajudar todos esses seres? Nossa prática. A morte virá para todos nós. Os sofrimentos entre os animais, fantasmas famintos e infernos é contínuo. Portanto, somos aconselhados a prestar atenção às muitas formas de sofrimento e às suas causas, usando isso como um incentivo para desenvolver uma amorosidade que tudo inclui, a mente da iluminação bodicita, livre de preconceito. Contudo, se você sente esse grande sofrimento com muita

intensidade, você pode se sobrecarregar. Logo, é vital estudar e praticar para despertar para a verdade da ausência de existência inerente em todos os seres e em todos os fenômenos. Não há nenhum ser senciente verdadeiramente existente. Todos os seres surgem na dependência de outros surgimentos dentro da grande expansão dinâmica do vir-a-ser não-nascido, o darmadatu. Todos os dias em que estive com C.R Lama ele enfatizava a vacuidade, a vacuidade das pessoas, das vacas, das casas, do nosso trabalho de tradução e de Padmasambava. Não há nada a agarrar, exceto a delusão. Não agarre. Deixe ir.

Portanto, nossa linhagem é a linhagem do deixar ir, de abrir-nos para o aqui e agora livre de histórias do passado, presente e futuro. Há apenas isto e isto não pode ser agarrado por você. Não é uma posse. Ainda que sejamos parte do aqui e agora, participando em cada momento inapreensível. É aqui onde você irá encontrar Padmasambava, C.R. Lama e a sua própria presença desperta.

## NOSSO TRABALHO

A forma externa do trabalho que fazemos está disponível no nosso website, Simply Being. O ponto fulcral dessa parte é Barbara Terris que vem cuidando do arquivo dos textos e ensinamentos desde o princípio e se dedicado arduamente a mantê-los facilmente acessível. Ele é apoiada por Christian Leissmann que cuida do funcionamento operativo. Muitas pessoas colaboram para manter esses ensinamentos disponíveis: os tradutores/as, os transcritores/as, as pessoas que se dedicam a cuidar dos áudios, das sessões no Zoom, dos vídeos, etc. Seus nomes estão nos textos, vídeos e gravações. Esse é o nosso trabalho. Não sou o único responsável por isso.

É claro que o meu nome está presente nos livros e nas gravações. Ainda assim, se vocês me perguntam para escrever algum desses livros novamente, eu não seria capaz. O James Low que escreveu *FAÍSCAS* há muito se foi. James Low é um nome. Como disse Heráclito: “Você não pode pisar duas vezes no mesmo rio”. O nome do rio permanece ainda que a água que é o rio é um fluxo incessante e impossível de ser apreendido. Isso é assim para todos nós. É verdade também para mim. ‘James Low’ é um nome aplicado a essas pequenas ondas no fluxo da co-emergência. As ondas brincam com outras e ninguém sabe que padrões irão surgir. Esse é o nosso trabalho interno relacional.

Se você foca nas formas e gera um senso pessoal de quem você é, então essa crença na sua identidade como sendo algo “conhecível” irá esconder a sua própria formação transitória e desconhecível. Olhe para a sua mente – você não pode achá-la como sendo um algo. O fluxo

dos pensamentos e sentimentos não cessa. Olhe para a sua fala: esse som está indo na medida em que está surgindo. Olhe para o seu corpo: suas posturas, gestos, respiração, tudo surge em conjunção com fatores situacionais específicos.

Somos todos essencialmente inapreensíveis. Se você quer saber como eu sou, olhe para si. Olhe sem se basear em pressuposições. Olhe até que você possa ver com olhos frescos—então você poderá ver a sua presença que não pode ser vista. Então você poderá conhecer a sua presença que não pode ser conhecida. Esse é o trabalho mais interno, livre do interno e externo.

Nomes, signos, dados bancários, inteligência artificial, informação— isto tudo é a moeda do nosso mundo samsarico. Se você está relaxado, aberto e presente, eles podem se manifestar como a sua amorosidade não-dual. Mas se você está adormecido nos sonhos da sua consciência dual, então eles irão captura-lo, limitá-lo, e entorpecê-lo fazendo de você um servo.

Nosso trabalho é colaborar com tudo enquanto descansamos na presença aberta e intrínseca. Não fazemos isso acreditando nas histórias que os outros contam porque as vemos como ilusões. Ainda assim, estamos atentos a especificidade única de suas histórias na medida em que elas são oferecidas para nós — e, nesse sentido, trabalhamos com as circunstâncias das suas obscuridades. Essa prática é a inseparabilidade de sabedoria e amorosidade.

A verdadeira natureza de todos os seres sencientes é multifaceda, como um diamante bem lapidado. Nosso centro inapreensível é o espaço silenciosa da presença infinita. Tudo o que ocorre em qualquer momento ou lugar é inseparável disso. Não podemos encontrar essa natureza verdadeira justo porque ela não é uma coisa. Ainda assim podemos perceber que somos inseparáveis dessa natureza. Usando a Guru Yoga do A Brando e outros abordagens, deixamos ir a identificação com aquele que agarra e com o agarrado. Surgimentos vem e vão. Repousamos na abertura imutável. Isso é o darmakaya, onde está Amitaba, o Buda da Luz Ilimitada. Tudo é luz, brilhante e incapaz de agarrada. Inseparável disso está o sambogakaya, onde está Avalokitesvara, o bodisatva cujos olhos amorosos veem tudo o que ocorre. Seu amor manifesta o nirmanakaya, onde está Padmasambava, as muitas aparições que relaxam nossa crença deludida em entidades reificadas. Esses aspectos inseparáveis do mistério da nossa presença verdadeira se torna vivo para nós através da prática.

Nossa prática é desconstrutiva. Ela não constrói nada, nem destrói. Ao invés disso, traz-nos para a presença da natureza ilusória e inapreensível de tudo o que agarramos, de tudo o

que adotamos e de tudo o que rejeitamos. Somos arco-íris dentre arco-íris e, por isso, o Buda sorri.

Praticamos porque não Podemos ver a diferença entre as nossas roupas e a nossa pele. Não temos lucidez do nossa presença nua, fresca, aberta e intrínseca. Sustentamos a atividade de reificação que é a arma da não-presença. Conceitos evanescentes são adotados como nossas roupas e assim autorizados a definir nosso senso de quem somos. Ao utilizá-los de forma equivocada, confundimo-nos vendo-os como ferramentas que apenas instalam a fixação e a limitação.

Identificamos alguns surgimentos como 'eu' e os restantes como 'outro'. É assim que fazemos. Essa é a atividade dual, consequência de não estarmos lúcidos da ausência de existência inerente em tudo o que surge. Somos a abertura não-nascida, e, ao mesmo tempo, acreditamos que somos pessoas reais que podem ser identificadas por um nome. Quando vemos verdadeiramente quem somos, nossa delusão inapreensível se auto-libera e não precisa ser removida ou destruída.

Imagine se essa sabedoria profunda e amor ilimitado estivesse disponível para todos! Nosso trabalho é o nosso modo específico de participação no sempre-desperto! Pode parecer pequeno, mas não é. Você pode se ver limitado, ainda que você não seja. Viver isso é o nosso objetivo.

*James Low*

*18 Nov 2023*

Traduzido para o português por João Vale, dia 10.12.23